

# Circunstâncias movediças

Eduardo Jorge Esperança  
Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais  
eje@uevora.pt

## Resumo

Como é que se observam os modos e perspectivas diferenciadas das instâncias, dos agentes e dos seus quadros no espaço instável e agitado do emergir da nova doença parcialmente desconhecida? Ao sociólogo, mas igualmente ao cidadão comum, é dado a observar a "navegação à vista" e o improvisado que "comandam" as medidas governamentais de gestão desta pandemia; são medidas avulsas à medida da evolução da pandemia, e não são exclusivas de Portugal. Circunstâncias movediças e medidas avulsas - mesmo quando não são, parecem! Estas medidas avulsas, à medida que a pandemia vai evoluindo e se vai mostrando com diferentes configurações, parecem minar qualquer estratégia de combate eficiente. Se é isto que acontece, se há ou não estratégia, ficamos pela reflexão sobre o que vai ocorrendo em Portugal e França também em termos de polarização de posições e consequências que esta "disposição" possa trazer.

**Palavras-Chave:** Covid19; observação de disposições; polarização; topologias pós-modernas; agenciamentos.

## Unstable circumstances

### *Abstract*

How the different ways and instance perspectives, agents and their staff, are observed in the unstable and agitated space emerging out of the new partially unknown disease? The sociologist, but also the ordinary citizen, is offered to observe this "navigation in sight" and the improvisation that "command" the governmental measures of management of this pandemic; they are separate measures as the pandemic evolves, and they are not exclusive to Portugal. Unstable circumstances and separate measures - even when they are not, they look like they are! These separate measures, as the pandemic evolves and shows itself with different configurations, seem to undermine any efficient combat strategy. If this is what happens, if there is a strategy or not, we are left to reflect on what is happening in Portugal and France, also in terms of positions polarization and consequences that this "disposition" can bring up to us.

**Key-words:** Covid19; positions observation; polarization; post-modern topologies; agencies.

## Nota Introdutória

Observando os modos e perspectivas diferenciadas das instâncias, dos agentes e dos seus quadros no espaço instável e agitado do emergir da nova doença somos, no interim desta reflexão, levados a pensar: será esta uma doença pós-moderna

Ao sociólogo, mas igualmente ao cidadão comum, é dado a observar a "navegação à vista" e o improvisado

que "comandam" as medidas governamentais de gestão desta pandemia; são medidas avulsas à medida da evolução da pandemia, e não são exclusivo de Portugal (Perrone, 2020). Circunstâncias movediças e medidas avulsas - mesmo quando não são, parecem! Estas medidas avulsas, à medida que a pandemia vai evoluindo e se vai mostrando com diferentes configurações, parecem minar qualquer estratégia de combate eficiente. Se é isto que acontece, se há ou não

estratégia, ficamo-nos pela observação do descomando. Há claramente uma diferença entre os modos de controlo da covid-19 no ocidente, em comparação com alguns países e culturas orientais em que *apps* de controlo e estratégias de comando e disciplina são de execução possível. Mas, pensar isto, levaria a um tratado político-cultural sobre as possibilidades do exercício da cidadania em culturas diferenciadas. Fiquemo-nos pelo que observa o sociólogo.<sup>i</sup>

### O problema das polarizações que se extremam

A polarização das visibilidades e das percepções - o que as pessoas veem, sentem e percebem, desde sempre foi trabalho de recolha e análise de sociólogo, mais concretamente, poderia chamar-lhe «*a análise da experiência em ambiente covid*»

O visível e o não-visível neste contexto - mostrar o que não se vê, aqui mais o que não se sabe à mistura com o que se sabe mal - a desinformação, produzem um caldo nebuloso propiciador do alastrar da pandemia. Trabalho de sociólogo é também o separar o visível do não visível, mostrar o que não se vê - o opaco e o oculto - os relevos e os destaques, contrastes, mas que igualmente opacificam muita coisa.

A força de contraste provocada pela pandemia<sup>ii</sup> observa-se no colocar em relevo determinados pontos e não outros, mostrando, por exemplo, não só as fragilidades bio-corporais como o verdadeiro impacto ambiental que temos andado a ignorar. A fotografia da realidade que esta pandemia nos traz é uma fotografia extremamente contrastada; percebem-se coisas que antes não se percebiam ou não se deixavam ver. Vêem-se polarizações e modos de comportamento radical. No entanto, e ao mesmo tempo, estas polarizações e contrastes opacificam áreas e espaços que quase desaparecem pelo destaque dado à pandemia. Uma quantidade enorme de patologias graves passam para 2º e 3º planos, como se a sua gravidade tivesse deixado de existir.<sup>iii</sup>

### O problema da comunicação em tempos de crise

Quando pensamos o problema da comunicação da ciência na comunidade, aquilo que apela à literacia científica da comunidade e que tem a ver com a capacidade de ler e pensar acerca, fazer reflexão crítica sobre a informação que emerge de todos os lados, encontramos neste contexto uma incapacidade de reflectir acerca e sobre a informação que nos inunda e que parece irreal. Estaríamos à espera de que, principalmente o corpo de indivíduos bem formados conseguisse rapidamente fazer dissipar a névoa de desinformação que circula, através da capacidade aprendida de trabalhar e seleccionar essa informação. Em boa parte dos casos isto não aconteceu. Uma parte das polarizações que destaco, emergem igualmente a partir daí.

### Polarizações bem materiais

De acordo com o estudo "Acemo-Covid" da DARES e INSEE (França)<sup>iv</sup> publicado em abril de 2020, os principais sectores que continuam a recrutar são os da fabricação alimentar (57,2%) e os empregados do setor que continuaram a trabalhar no local), educação, saúde e acção social (43%), energia, água, gestão de resíduos e controlo de poluição (38,1%), transporte e armazenamento (36,2%) e comércio (31,4%).

Na nota de análise da France Strategy<sup>v</sup> publicado em abril de 2020 apenas 10,4 milhões de pessoas (39% dos empregos) em França estiveram “na linha de frente” durante a crise. Ocupam profissões de contacto frequente com o público, em que as mulheres estão sobre-representadas (65% do total desses contratos). Elas trabalham no sector da saúde, sector social e educação (professoras, enfermeiras e parteiras, auxiliares de enfermagem, auxiliares domésticos e amas), certos empregos para funcionários do sector privado (caixas, funcionários de auto-atendimento, trabalhadores de manutenção), ou da esfera pública (funcionários administrativos). A nota sublinha que essas profissões têm em comum o facto de serem "mal remuneradas em relação a todos os funcionários

em França” (o seu salário médio é inferior ao de todos os funcionários em tempo integral), a ser realizado sob condições difíceis (forte carga mental e pressão temporal) e com horários irregulares. Algumas dessas profissões também estão sujeitas a condições de emprego atípico.

**Resumindo:** em França surgem três tipos de serviço que a pandemia promove a essenciais: serviços de soberania - exército, polícia e bombeiros; serviços a terceiros - saúde e cuidados pessoais; serviços de logística, transporte e distribuição. Estes dois últimos sectores caracterizam-se, na generalidade, por empregos mal pagos e precariedade geral e condições de trabalho atípicas com protecção social quase nula.

O que caracteriza estes sectores é que, a maior parte das pessoas, no início e desenvolvimento da crise Covid-2020, continuaram a trabalhar. Os funcionários mais bem pagos ficaram confinados e em teletrabalho; alguns trabalhos já ameaçados nos tempos actuais foram expostos mais do que outros em desemprego parcial, para fins de actividade ou dispensas; empregos de baixa remuneração em serviços para outros, transporte e distribuição, em processo de expansão (têm contado para muitos entre os chamados empregos essenciais), permaneceram na linha de frente durante o confinamento.

Em conclusão, a grande polarização do mercado de trabalho fez registar um aumento da desigualdade salarial entre extractos laborais. Os empregos e serviços pessoais pouco qualificados - *catering*, logística e saúde. Na verdade, a emergência desta polarização não assenta no conhecimento e valorização da qualificação das pessoas que ocupam esses empregos nem no cálculo da sua produtividade mas apenas no nível de mercado de remuneração desses empregos. A natureza "pouco produtiva (sem reprodução produtiva)" desses empregos é baseada numa teoria do mercado do trabalho neo-clássica que postula que o salário é um reflexo da produtividade.

A grande polarização do mercado de trabalho teve o efeito de forte aumento das desigualdades salariais. Na verdade, empregos serviços pessoais pouco qualificados são por natureza tarefas onde a produtividade é baixa; aqueles que tiveram que se converter a

estas tarefas têm uma remuneração inferior à prevalente em cargos de trabalhadores qualificados ou de colarinho branco. Por outro lado, profissões de gestão ou criativos viram a sua produtividade multiplicada por dez pelas possibilidades das novas tecnologias e o pagamento por esses empregos aumentou em relação ao salário médio. Para afirmar a "natureza" improdutiva desses empregos, eles são baseados na teoria mercado de trabalho neoclássico que postula que o salário é um reflexo da produtividade (então, se o salário é baixo, é porque a produtividade é baixa) Mas também na Teoria de Baumol (2004) que diagnosticou, durante década de 1960, a impossibilidade de ganhos de produtividade em serviços pessoais (saúde, educação, serviços para outros ou cultura), o que tem sido chamado Problema dos *custos de serviço*. Outros mecanismos de mercado poderiam ser responsáveis por este baixo nível de remuneração.

Assim, é possível que os salários permaneçam baixos pelo facto de nestes sectores, a oferta de trabalho ser maior do que a procura, um fenómeno que pode ser parcialmente explicado pela polarização do mercado de trabalho: pessoas com as qualificações médias encontram cada vez menos empregos de rotina tradicionais na indústria ou serviços administrativos e, por falta de novos empregos correspondentes para sua qualificação, devem recorrer a esses empregos de serviços de baixa remuneração.

O desemprego dos não qualificados poderia, assim, explicar-se melhor pela falta de empregos devidamente remunerados para pessoas que são um pouco qualificadas, e que expulsam empregos de serviços menos qualificados para terceiros.

Este é um exemplo claro da polarização que aconteceu e acontece no mercado de trabalho - os serviços "essenciais" baixaram, em termos relativos, de remuneração.

## O que se quer saber

Já num registo de solicitação de projectos, algo teleonómico - que nos permite observar como é que as instituições se preocupam com a pandemia, podemos observar este pedido de apresentação de projectos para financiamento, por parte de uma Fundação americana de prestígio<sup>vi</sup>, e que nos mostra o espaço de cobertura que interessa neste contexto - da Russel Sage Foundation:

«O tecido social e os efeitos psicológicos; a pandemia forçou um rápido desligamento dos padrões regulares de interação social que alimentavam as atividades económicas e sociais. A maioria da população experimentou interrupções nos ritmos normais da vida quotidiana devido ao distanciamento social obrigatório, com a probabilidade de interrupções contínuas nas relações de trabalho, escola, relações sociais e familiares. Em resposta, as infra-estruturas de educação, saúde, serviços sociais e organizações religiosas, governo, justiça criminal, a lei e muitos outros que dependem do contacto interpessoal foram forçados a transformar as suas práticas rapidamente movendo algumas para *online*, atrasando ou adiando outras, e fechando algumas completamente. As consequências dessas decisões ainda não foram compreendidas, mas provavelmente serão duradouras, em parte devido ao acesso diferenciado à tecnologia digital. Que populações, regiões, organizações ou instituições têm ou provavelmente serão mais resilientes? Que consequências de curto e longo prazo podemos esperar relativamente aos processos institucionais e sociais?»

A pandemia apresenta ameaças significativas à segurança física e económica e à confiança nas instituições. Essas ameaças podem afectar resultados cognitivos, afetivos e comportamentais relevantes para a tomada de decisões financeiras, comportamento político e tratamento de outras pessoas.

As ameaças percebidas à saúde / segurança, bem-estar / posição económica e associações a grupos sociais (por exemplo, identidade, raça / grupos étnicos, etc.) podem resultar em um estreitamento da preocupação com os outros (aumento de pensamentos ego-cêntricos e auto-protectores) ou uma expansão das

preocupações com os outros (maior foco no outro, pensamentos e comportamentos altruístas e pró-sociais).»

## A re-emergência do problema da confiança nas instituições

Um problema antigo, que conhecemos da história da cultura portuguesa, surge de novo configurado no contexto *covid* de medidas avulso e estratégias frágeis, não só em Portugal. Este é igualmente um tema polarizado, que a *covid* agrava, e que se manifesta sobre (por cima) da mudança de época, da modernidade para a pós-modernidade. Da modernidade exigindo absoluta confiança nas instituições, para o contexto pós-moderno que faz emergir a desconfiança (Lyotard, 1989) (que começou nos bancos e nas falências) e que alastra pelo tecido institucional na sua incapacidade generalizada de garantir o que se propõe como objectivo. O distanciar do Estado mobilizador e protector que falha a vários níveis e, na presença de novos media super intrusivos, revela todas essas clareiras e falhas que, se na modernidade também existiam, não eram tão visíveis.

O **Fenómeno** - uma patologia de contaminação rápida, mesmo sem contacto.

### 1ª asserção

Procuramos então, o que é que é directamente provocado pela pandemia e não é evitável:

No contexto desta patologia de contaminação rápida, a proximidade física; a imuno-fragilidade; a necessidade de máscara em situação de proximidade (mesmo assim não garantindo segurança em termos de contaminação); a necessidade de informação robusta e triagem dessa informação; o robustecimento do SNS. Este o primeiro "bloco" que nos põe perante aquilo que não conseguimos evitar - o que **não podemos dizer que não existe**.

## 2ª asserção

O que é que, sendo directamente provocado pela pandemia, pode ser evitado, isto é, o que é que acontece, mas que a pandemia não deveria obrigar necessariamente, e em absoluto, que aconteça: confinamentos gerais; máscaras permanentes; incapacidade logística e má gestão de recursos;

## 3ª asserção - efeitos e consequências

Quais os efeitos negativos e os positivos da pandemia e o que os separa:

**exemplo 1:** o turismo de massa contribui directamente para o agravar de um problema ambiental severo; a paralisação do turismo e das deslocações, fez aparecer uma recuperação ambiental do planeta quase inacreditável: golfinhos no Tejo; raposas em Paris; águas do mar em Cascais ou na Comporta ao nível de limpeza das praias paradisíacas do Bali; queda abrupta do CO2 em todo o mundo industrializado devido à paragem de uma parte dos agentes poluidores.

Pensem o que quiserem, ficou demonstrado que, sob os mais diversos pretextos, temos andado a dar cabo do planeta - uns mais que outros; não é que não soubéssemos já, mas agora ficou provado. Mais, os relatórios geo-pandémicos<sup>vii</sup> assinalam as zonas habitacionais de maior poluição como as mais susceptíveis em número de mortes.

**exemplo 2:** Quinze aviões cheios de congressistas, para quê? Se pensarmos num congresso com dois mil participantes, e a maior parte vier de longe, são necessários, em média, quinze aviões cheios de congressistas (vezes dois - ida e volta) para preencher o congresso. Necessitamos de uma avaliação dura, de custo-benefício em contexto alargado. Até que ponto, sem exageros, as novas tecnologias que nos permitem esse encontro alternativo (em congressos) não deveriam ser mais obrigatórias; em que medida os congressistas não deveriam desenvolver uma mais correcta consciência da sua pegada ecológica<sup>viii</sup> de cada vez que entram num avião ou num qualquer outro transporte poluidor (cruzeiros promovidos por

sectores empresariais - médicos, agentes imobiliários, mediadores financeiros, etc.).

## Conclusões

É cedo para concluir, a não ser no instantâneo. Numa perspectiva integrada há, garantidamente uma, senão várias convulsões, de um tipo que as últimas décadas do séc. XX e as iniciais do séc. XXI não haviam ainda sentido. Há um enorme trabalho sociológico a fazer, de recorte e análise, mas igualmente de “serviço” informativo e de enquadramento a partir dos dados que se encontram dispersos e mais auxiliam a convulsão quando não tratados e enquadrados dentro das **circunstâncias que lhes dão sentido**. Este sentido é, deve ser, prioritariamente pragmático, orientado pela e para a acção e os limites que esta implica. Depois da sua emergência modal na passagem do milénio, os observatórios aplicados parecem estar de novo a ser solicitados, assim como o auxílio real e virtual de uma inteligência colectiva organizada por sobre um *big data* funcional, que consiga manter a esperança dos indivíduos, agora socialmente mais isolados, num futuro próximo sem este tipo de ameaças.

## Referências bibliográficas

- Albano Santos, J. (1987). O modelo de Baumol e o crescimento do sector público, in *Estudos de Economia*, Vol. VIII, n.º 1, ISE.
- Agamben, G. (2020). L'Invenzione di un'Epidemia, Quodlibet, - URL: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>
- Baumol, W. (1967). Macroeconomics of unbalanced growth: The anatomy of urban crisis. *The American Economic Review*, vol. 57.
- Knorr, L. (2020). After the pandemic: visions after life post-covid-19, Lawrence Knorr, et al, Mechanicsburg, USA: ed. sunbury press.
- Lazar, M. & Plantin, G. (2020). Le monde d'aujourd'hui. *Les sciences sociales au temps de la Covid* - sous la direction

de Marc Lazar, Guillaume Plantin, Xavier Ragot. Paris:  
Ed. Presses de Sciences Po.

Liotard, J-F. (1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: ed.  
Gradiva.

Matthewman, S. & Huppertz, K. (2020). A sociology of Co-  
vid-19, Volume: 56 issue: 4, page(s): 675-683. Issue  
published: December 1, 2020, ed. Sage journals.

Perrone, C. (2020). *Y-a-t'il une erreur qu'ils n'ont pas com-mise?  
– Covid-19, l'union sacrée de l'incompétence et de l'arrogance*.  
Paris: ed. Albin Michel.

Sournia, R. (1999). *Les épidémies dans l'histoire de l'homme -  
Essai d'anthropologie médicale*. Paris: ed. Flammarion

#### URLs de **acesso múltiplo** à temática COVID

Acedidos a 23/01/2021

url: <http://ses.ens-lyon.fr/actualites/rapports-etudes-et-4-pages/covid-19-le-decryptage-de-la-pandemie-par-les-sciences-sociales-avril-2020>

url: [https://www.degruyter.com/fileasset/craft/media/doc/DG\\_12perspectives\\_socialsciences.pdf](https://www.degruyter.com/fileasset/craft/media/doc/DG_12perspectives_socialsciences.pdf)

#### Notas:

[i] url: <https://www.europeansociologist.org/issue-45-pandemic-impossibilities-vol-1/theorising-social-definition-corona-pandemic>

[ii] Agamben, G. (2020) 'L'Invenzione di un'Epidemia', Quodlibet, 26 February, URL (consulted 24 April 2020): <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>

[iii] url: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52042839>

[iv] url: <https://dares.travail-emploi.gouv.fr/dares-etudes-et-statistiques/tableaux-de-bord/le-marche-du-travail-pendant-le-covid-19/enquete-acemo-pendant-la-crise-sanitaire-covid-19>, acesso a 21/01/2021

[v] url: "Profissões em época de corona" (<https://www.strategie.gouv.fr/english-articles/jobs-time-corona>), acesso a 21/01/2021

[vi] url: <https://www.russellsage.org/research/funding/covid-19-pandemic>, acesso a 21/01/2021

[vii] url: <https://phys.org/news/2020-12-atmospheric-pollution-covid-italy.html>, acesso a 21/01/2021

url: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1352231020305288>, acesso a 21/01/2021

[viii] url: <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/society/20191129STO67756/emissions-from-planes-and-ships-facts-and-figures-infographic>, acesso a 21/01/2021